

Comunidade Quilombola de Água Morna – Curiúva/Paraná

História da Comunidade e seus fundadores

A comunidade recua através da memória oral até seus fundadores, **Maurício Carneiro do Amaral** e **Maria Benedita de Jesus**, cujo pai era **João Maria de Melo**. Este casal teve seis filhos: **Ambrosina Maria de Jesus** (solteira), **Maria da Luz** (casada com João Santana), **Maria Pedrolina do Amaral Lima** (casada com Joviniano Pinheiro de Lima), **João Carneiro do Amaral** (casado com Ana Rita), **Moisés Carneiro do Amaral** (casado com a índia Adelaide) e **Adão** (casado com índia que não fazia parte da comunidade).

De acordo com Dejair, neta de Moisés e de Adelaide, e filha de **Otacílio Alves da Silva** e de **Maria do Nascimento C. Amaral**, ela teria ouvido quando criança sua família falar que a Benedita contava que seu marido Maurício era “baiano puro, da Bahia” e que ele teria nascido e vivido lá até o momento em que ele e sua mãe partiram devido à morte do pai de Maurício. Este teria morrido em uma guerra que, segundo Dejair, era a guerra do Paraguai, mas Dejair não sabe em que época isso tudo ocorreu. Eles teriam saído de lá e vindo em direção a Curiúva e em algum lugar esse avô teria encontrado e casado com a “escrava Benedita”.

Dejair não sabe de onde foi que Benedita veio, mas sabe que ela se denominava “costiana” ou “costeana”, embora desconheça o que esse termo designa. “A mãe véia Benedita dizia que ela era costiana, costeana”. “A mãe véia tinha o rosto redondo, rostão, cara chata e o nariz era achatado como uma tábua, os pés não tinham uma curvatura e os dedos eram encurvados”. Benedita teria contado que para chegar em Curiúva “eles sofreram muito, eles caminharam muito de pés no chão, sacos nas costas e trouxas na cabeça”.

História das terras

Para José (filho de Maria Pedrolina e marido de Dejair), a história da venda do Pinhal em que sua avó Benedita e sua mãe moravam aconteceu porque sua avó era simples, sem estudo, e recebeu a proposta de seu compadre para vender os pinheiros de sua propriedade. **Mateus Pinto**, que morava do outro lado do rio das Antas, era compadre da avó de seu José (Benedita) por ser padrinho da mãe de José, e teria se unido com **Marcos Ferreira** do bairro **Felisberto** (povoado próximo das terras da comunidade) e com **Alísio Afonso** para vender apenas o “pinhal” dela. Estes, então, teriam pegado os documentos e acabaram vendendo também as terras. “Ela (Benedita) só

abriu os olhos” quando os compradores foram expulsá-los das terras, de **Água Grande**. Naquele local foi construída uma serraria para cortar os pinheiros da região e os que esta teria comprado de Benedita. José disse que já era grande quando foram tomadas as terras onde eles moravam e que vivenciou a expulsão de sua família. Sua família teria ficado nervosa, mas não fizeram nada a respeito.

O pai de Dejair, Otacílio, trabalhou no corte destes pinheiros. O “pinhal” ficou para a “firma” e teve uma metragem que seu pai doou do que ia receber da serraria para a própria firma para ela construir uma Igreja naquele local. A Igreja foi construída no lugar de um cruzeiro onde as pessoas da comunidade realizavam rezas todos os domingos e onde dizem estar enterrada uma criança, e é próxima a uma fonte de água sagrada de São João de Maria. Posteriormente, foram expulsos também da frequência à Igreja e acabaram construindo um templo próprio próximo a suas casas.

Para Gentil, irmão de Dejair, a sua bisavó vendeu sim os pinheiros, mas acabou vendendo a terra junto sem saber. “Quando eles acabaram de cortar o pinhal, eles falaram que ela tinha que se mudar daqui, mas ela falava que não tinha vendido a terra, que tinha vendido só os pinheiros”. Zelão, neto de Benedita e filho de João Carneiro do Amaral, diz que essa história da venda dos pinheiros começou quando o compadre de sua avó, **Mateus Pinto**, foi na casa de Dona Benedita tomar café e ela disse que estava interessada em vender os pinheiros, então ele foi para Curiúva e vendeu os pinheiros, mas acabou vendendo a terra junto. Gentil diz que o Mateus tinha uma procuração para poder vender os pinheiros, e vendeu para o **Marcos Ferreira**, que é o bisavô do **Paulo**, que mora ali hoje.

Gentil diz que também expulsaram seu pai, Otacílio, da terra onde morava.. Segundo ele, informaram a seu pai que haviam comprado as terras, ao que ele questionou por terem sido elas doadas a ele pelo sogro, Moisés Carneiro do Amaral. Quando o pai foi à casa do sogro com a família, ao voltar encontrou a casa queimada: “Ele [o pai] foi passear na casa do sogro e quando chegou a casa estava queimando e já queriam que ele saísse de lá antes mesmo. Essa casa era **perto do Rio das Antas**”. Sua família mudou-se, após o acontecido, para um local próximo à casa de Moisés.

As terras de cima da Água Morna também foram sendo tomadas, como conta Zelão, as terras perto de sua casa foram sendo tomadas porque os vizinhos queriam sempre mudar a divisa das terras, entre eles estava o seu falecido padrinho **Anísio Ferreira**, o filho **João Sérgio** e o genro do Anísio, **Gênio Freitas**. Zelão diz que o pai do Gentil, Otacílio, sempre passava por sua casa em

busca de seu pai, João Carneiro do Amaral, e seu Otacílio dizia: “Compadre João, vamos lá ver que eles estão mudando a divisa de novo”. E conta que eles iam lá discutir com os vizinhos. Diz que o José falava para os vizinhos que se eles fossem lá mudar mais um metro de terra que fosse que ia “ficar nego comendo formiga” Zelão diz que com muita conversa os vizinhos foram parando de querer mudar a divisa, mas que eles estavam interessados em chegar até a estrada e por isso ficavam fazendo pressão.

Gentil nos conta também sobre a história do caixão e a troca por terra. Isto aconteceu quando Benedita morreu e os filhos dela não tinham condições de pagar por um velório, então o vizinho **João Nunes** fez o caixão com algumas tábuas que ele tinha e fez o velório para a bisavó de Gentil. Porém, para receber pelo velório, este vizinho tomou um pedaço de terra na beira da estrada que pertencia à família do Gentil, e deixou o filho **Jaime Nunes** morando na terra. Gentil diz que foram estes os donos da terra que depois fizeram negócio com **Eduvirgens do Rosário Lemes**, “esses homens que a Dona Eduvirgens tirou ele”. Zelão, neto da Benedita disse “por causa de três tábuas que pegaram uma área de terra em troca do caixão. Fizeram o caixão e daí tinha que pegar o caixão em troca de terra”.

Jaime Nunes, que permaneceu morando na terra que seu pai conseguiu em troca do velório, tem um segundo filho que se chama **Valdecir**. Zelão conta que eles nasceram “na mão da Da Luz [filha de Benedita] que era parteira” e que os pais inventaram que quando Valdecir nasceu Da Luz teria dito que tinha dado 3 quartas de terra para o menino. Quando este cresceu Jaime e o menino foram cobrar a terra de Da Luz. Embora ela afirmasse não se lembrar da promessa, como era uma pessoa muito simples, acabou dando terra para eles. Jaime aproveitou e em vez de pegar o tanto de terra que supostamente havia sido doado para seu filho, aumentou o tamanho da terra para uns 4 alqueires.

Da Luz também era dona de um trecho que lhe cabia por herança da avó Benedita, e quando do seu falecimento seus netos que moravam em **Figueira** negociaram com Dona Eduvirgens a venda da terra. Esta foi vendida sem que **João Santana**, marido de Da Luz ainda vivo, e já quase centenário, soubesse e com ele morando em cima do terreno. A terra foi vendida com ele junto. Eduvirgens tomou posse da terra, passou e residir lá, mas disse que ele poderia continuar morando na casa dele. No entanto, pouco tempo depois pediu para que saísse. Também os filhos de Adão, filho de Benedita, venderam as terras de seu pai sem que ele soubesse.

Moisés Carneiro do Amaral, dos seus 9 alqueires de terra, fez alienação de 5 alqueires a **Olívio Bento Queiroz** em 1944. Não houve, contudo, relatos sobre esta venda.

História do Monge São João de Maria

Segundo Dejour, o monge São João de Maria teria passado por Curiúva em 1912. Quem contou a história para Dona Dejour sobre o profeta São João de Maria foi sua bisavó Benedita. Esta teria dito que quando eles chegaram em **Caetê (atualmente Curiúva)** o profeta veio, se acampou em **Lagoa ou Água Grande**, lá ficou por três dias, e deixou uma fonte cuja água era benta. Em seguida ele teria ido a **Felisberto (bairro de Curiúva)** e depois para ao **Rio das Antas** onde existe um olho d'água que também foi benzido. Dejour conta que quando ela tinha entre oito e dez anos o profeta teria passado por lá novamente e a abençoado e partido para a **serra do Taió, que fica na Lapa - PR**.

Vinagre Santo de Senhor Bom Jesus

VERSÃO DEJAIR

Só se encontra a muda deste vinagre em **Senhor Bom Jesus de Iguape**. Dejour não sabe dizer onde fica Iguape. Benedita quando chegou em Curiúva trazia consigo esse "vinagre santo, que é um remédio santo". Em Senhor Bom Jesus de Iguape haveria um recipiente embaixo dos pés de um santo em que ficaria pingando gotas de água, onde a água vai se acumulando. O remédio fica em uma garrafa de vidro, em solução de água açucarada, e é vivo, tendo um cheiro semelhante a um fermento e podendo ser reproduzido com uma muda em outras garrafas. É utilizado principalmente para problemas digestivos.

Ao se queimar a casa dos pais de Dejour próxima ao Rio das Antas, a mãe dela tinha um litro desse remédio guardado. Todas as coisas que estavam dentro da casa teriam sido queimadas, com exceção do litro de vidro com o vinagre santo. A garrafa teria "enrolado" com o calor do fogo, formando uma "bola de vidro", e o remédio teria se conservado dentro. Dejour acredita que o fogo em sua casa não foi um acidente.

VERSÃO GENTIL – IRMÃO DEJAIR

De acordo com Gentil, ao voltar de uma visita à casa de seu sogro, seu pai encontra sua casa próxima ao Rio das Antas queimada. Mas antes, teria havido uma pessoa que dizia ter

comprado aquele terreno de **Marcos Ferreira** (que foi o mesmo que ficou com o terreno do “pinhal”) e já havia falado para seu pai Otacílio desocupar a casa, pois ele supostamente não era mais o dono. Marcos é pai de **Anísio Ferreira**. Na versão de Gentil, o vinagre de Senhor Bom Jesus também é o único bem que sobrou do incêndio, veio de **Senhor Bom Jesus da Lapa** e todas as “mudas” hoje existentes teriam se originado desta garrafa que chegou a derreter e se tornar uma bola pela ação do fogo.

Trabalho na região de Curiúva

Gentil conta que no tempo dos avós eles levavam porcos por terra para **Ibaiti**, demoravam de 30 a 40 dias para levar uns 100 porcos que saíam de Curiúva com 90kgs para chegar a Ibaiti com 50 a 60 kg, por que a distância era grande, de uns 75 km.

Com relação a tropas, Gentil não lembra muito, mas diz que recorda de uma vez que foi com um tio para **Pirai** buscar café para vender em Curiúva.

Documentos importantes dos quais encontramos referências mas aos quais não tivemos acesso:

- Espólio de Maurício Carneiro do Amaral expedido em 21/01/1944 em Tibagi.

Comunidade Quilombola de Guajuvira – Curiúva/Paraná

História da Comunidade e seus fundadores

Na versão de Leonor (72 anos, filho de **Iracema da Cruz Moreira**, índia, e neto de **Ana Rodrigues Ferreira**, filha de Rita do Impossível), quem fundou a comunidade de Guajuvira foi **Rita Francisca dos Impossíveis**. Rita veio de **Ibaiti** carregando seus doze filhos e trazendo muito dinheiro. *Ela morreu em 1936.*

Na versão de Laura (filha de **Saturnino** e neta de Rita) Rita teve treze filhos com **Tomé Rodrigues Ferreira**, mas Laura só se lembra de doze, a saber, **Gregório, Constâncio, José Tomé, Milico, Ana Rodrigues Ferreira, Maria Dolorosa, Isaltina, Amália, Natália, João Tomé, Pedro Tomé e Saturnino Rodrigues Ferreira**. Laura lembra que seu pai lhe contava que eram treze filhos e que as terras de Rita foram divididas em treze partes.

Segundo Laura, Rita, filha de uma escrava, chegou a Guajuvira “moça” e “solteira” com sua mãe. A escrava “era cozinheira e muito trabalhadeira” e a Rita “não fazia nada, só a véia que trabalhava”. Tomé (senhor) teria dito que a Rita não seria escrava, mas sua esposa. Mais tarde estes se casaram e tiveram filhos em Guajuvira. Laura conheceu a Rita, mas não o Tomé.

A versão de Sá Dica, mineira casada com um dos netos de Rita, conta que Rita dos Impossíveis era escrava e que impõe como condição para se casar com Tomé, que seria um senhor, que ele a presenteasse com uma imagem de Santa Rita que ele vai buscar na Espanha. Desse modo, o presente da imagem da Santa Rita possibilita o casamento entre Rita, escrava, e Tomé, senhor. Esta imagem seria aquela ainda hoje localmente cultuada e cuja festa ocorre em maio.

Documentos importantes dos quais encontramos referências mas aos quais não tivemos acesso:

- Título de Domínio Pleno em nome de Tomé Rodrigues Ferreira expedido em 24/08/1912 (e talvez mapa a ele vinculado).
- Espólio de Rita Francisca do Impossível de 21/04/1943 – Tibagi.

Obs: Dona Laura, neta de Rita Francisca do Impossível, nos conta que possui a lembrança da existência de um mapa do território de Guajuvira.

Questões gerais que se colocaram á equipe

- Identificação, se possível, dos ancestrais dos primeiros moradores de cada uma das comunidades e sua procedência;
- Identificação de cônjuges dos moradores de segunda geração e sua procedência (se possível a partir da documentação);
- Compreensão do processo de ocupação da região de Curiúva, bem como da coincidência de dois períodos na documentação de ambas as comunidades: titulação da propriedade na década de 1910 – provavelmente acompanhada de seu mapeamento – e realização dos espólios de Rita do Impossível e Maurício Carneiro do Amaral na década de 1940.